



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A Memória e suas Recriações

Camila Camargo Vieira

Doutoranda do PPGCS-PUCSP

Bolsista CNPQ

Email:camcv53@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo refletir nas recriações da memória de Carmelinda Maria da Silva, esposa do fundador da comunidade negra dos Arturos, através de suas filhas, netas e bisnetas.

A origem da comunidade dos Arturos, da união de Arthur Camilo Silvério e sua esposa Carmelinda Maria da Silva, eles primeiros da grande família. Os descendentes de Arthur se autodenominam Arturos, porque são filhos de Arthur Camilo e a marca do nome atesta a força da ancestralidade.

A comunidade dos Arturos se localiza em Contagem, município que integra a Região Metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Na comunidade vivem cerca de sessenta e cinco famílias, aproximadamente quatrocentos e noventa pessoas.

Esta comunidade negra é reconhecida como quilombo, passando atualmente por uma fase de discussão para a legalização e titulação das terras. Antigamente era uma comunidade negra rural, mas com a expansão da cidade se modificou devido ao processo de urbanização, sendo hoje considerado um quilombo urbano, da periferia da cidade de Contagem. Dentro da Comunidade se mantém algumas características de “bairro rural”, como a participação coletiva nas atividades lúdico-religiosas, a solidariedade grupal, laços de parentesco entre os moradores, além da própria constituição e divisão espacial da propriedade, instaurando-se outro tempo na vida e nas relações humanas dessa comunidade, que dialoga constantemente com a urbanidade.

O conceito de quilombo foi se delineando no tempo, sempre associado a muita luta e resistência desde a época da escravidão até os dias de hoje. Atualmente há algumas denominações, como *Terras de Preto*, *Mocambos*, *Comunidades Negras Rurais*, *Remanescentes de Quilombos*, *Comunidades Quilombolas*, para grupos descendentes de escravizados, que ocupam um mesmo espaço e território, partilham tradições dos antepassados, praticam uma religião comum, mantêm laços de parentesco,



possuem uma rede de sociabilidade e algumas vezes outras formas de organização social.

É neste contexto que se inserem os Arturos, vivem no mesmo território, partilhando a mesma religião e suas tradições com todos os membros da comunidade.

Os Arturos seguem cultivando suas tradições, preservando seus valores, práticas, festas e ritos que lhes dão unidade e inteligibilidade social, além de oferecer-lhes momentos preciosos de diálogo com sua ancestralidade e sua memória histórico-social. A participação na tradição do Congado é um traço característico da existência da comunidade enquanto grupo, e a fé em Nossa Senhora do Rosário é o laço que os une e lhes confere o sentimento de pertencimento a comunidade.

Através da oralidade e da vivência do sagrado, das tradições que movimentam a comunidade o ano inteiro é que o aprendizado acontece. Os saberes e os conhecimentos são transmitidos para as crianças e jovens, na certeza de se manter a continuidade da tradição do Congado. Estes conhecimentos são transmitidos de geração para geração, usando os diferentes sentidos do corpo, não somente o verbal, mas principalmente o corporal, englobando o canto, as danças, os gestos, ligando o corpo à mente e ao espírito.

As tradições e transmissões orais, segundo Vansina, são fontes históricas que se determinam pela forma como se “apresentam”, são orais e não-escritas e têm a particularidade de que se passam de geração para geração na memória dos homens (Vansina, 1967 apud Vieira, 2003, p.133).

O pensamento oral está ligado a uma outra forma de saber e a outras experiências, estabelecendo o elo do homem com a palavra. Nesse sentido, a palavra está sempre viva e em movimento, estando presente nos cânticos, mitos, histórias, conversas, sons, gestos.

A oralidade, segundo historiadores e sociólogos africanos, como “meio de expressão de uma civilização, está sempre integrada aos diferentes aspectos da vida social, desempenhando funções múltiplas e variadas. Atua como memória da sociedade e transmite códigos de ética e expressão estética. Assim, a tradição oral é uma forma de instrução transmitida pacientemente, de boca a ouvido e de mestre a discípulo, através dos tempos” (Cunha, 1986 apud Vieira, 2003, p.133).



Neste sentido, as memórias afloram mais facilmente nas sociedades que possuem saberes e tradições que são mantidos e transmitidos pela oralidade, tão presentes na população afro-brasileira. Como é no caso dos Arturos, em que ainda este conhecimento das suas tradições é passado e rememorado através da oralidade, da dança, do canto e dos gestos que são reatualizados em cada festejo ou saída do congado.

Faz parte da cultura dessas sociedades em que a oralidade é mais latente, desenvolver mais a memória para que a cultura se mantenha viva.

A memória traz o passado ao presente, resignificando-o, num processo cíclico de ir e vir, marcando a cada momento as experiências vividas de cada indivíduo.

A importância de se lembrar, de buscar na memória as recordações que temos de nossas vidas, ou de um grupo do qual fazemos parte, marca o que somos, nossa história, o que pensamos e as transformações que ocorreram ao longo da nossa trajetória.

Neste sentido, a recriação da memória de Carmelinda Maria da Silva, através de suas filhas, netas e bisnetas se revela importante para se conhecer a sua história, o que esta mulher viveu em sua época e também para pensar nos dias de hoje a vida das mulheres da comunidade dos Arturos.

As memórias são afloradas e reconstruídas tendo um significado diverso de acordo com o grupo da qual fazem parte e o lugar social que esse grupo ocupa. Para Halbwachs (2006), as nossas lembranças se apóiam não somente sobre nós, mas também sobre o outro. Sendo assim, as memórias não são individuais, mas coletivas. A memória coletiva seria a lembrança de algo vivido num determinado grupo, ou por um conjunto de pessoas ou até mesmo uma sociedade. O tempo e o espaço, assim como o que é vivido pelo grupo são substâncias da memória, marcando momentos significativos do passado que retornam ao presente e voltam ao passado, seguindo outra concepção de tempo, não linear, mas reversível. Nesse sentido, a memória não é fixa, se recria se reconstrói e se modifica resignificando a vida de determinados grupos, de indivíduos, de gerações, de grupos de diferentes classes sociais, trazendo uma outra experiência vivida.

Segundo Halbwachs (2006), a memória individual seria um ponto de vista



sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo e também este muda de acordo com as relações que mantenho com os outros meios. Sendo assim, a memória individual não é isolada e fechada, há uma influência do meio e da sociedade também.

As lembranças se sucedem, mesmo as mais pessoais conforme as mudanças são produzidas em nossas relações com os diversos meios coletivos, visto separados, mas também em seu conjunto.

Dentro desta concepção, os fragmentos de memória levantados aqui serão lembranças individuais sobre a Carmelinda Maria da Silva, mas que estão entrelaçadas com a memória coletiva da comunidade dos Arturos, e sobre o lugar que essas mulheres Arturas ocupam, de onde elas estão falando e se colocando, além da memória coletiva das gerações que apresentam transformações de acordo com as diferentes faixas etárias.

Algumas lembranças de Carmelinda Maria da Silva

Carmelinda Maria é lembrada como uma mulher muito forte, guerreira, que trabalhava na roça ao lado de Arthur Camilo, apanhando café. Era uma pessoa muito carinhosa, mas sabia ser rígida na hora que precisava. Uma mulher compreensiva e que sempre conversava com os filhos e netos e netas. Criou seus onze filhos com muita luta e dificuldade, mas com muita união.

“Mamãe criou nós de uma forma muito boa, com muita dificuldade, mas com muito respeito, responsabilidade, ensinou como nós devemos criar nossa família, igual a mim, que agora estou com 92 anos e criei meus filhos do jeito que ela me ensinou, isto ela e papai sempre nos ensinaram... ela trabalhava na roça de segunda a sábado, e nós as mais velhas cuidávamos dos irmãos e irmãs mais novos. Mamãe ensinou a gente a acolher os outros, sempre dar comida para alguém que precisava, que viesse pedindo... vocês dão um pedaço de angu que tiver sobrado da panela, mas não neguem nada a ninguém que precise... fomos criados assim, ela sempre ensinou só o que era bom o que era mal não ensinou, todo mundo gostava de mamãe (Mulher Artura, 92 anos)”.



“Lembranças da minha avó, eu tenho muitas. Minha avó era doce, meiga, mãe, vó, bisavó, ela era tudo na vida da gente. A lembrança que eu tenho dela é o jeito de corrigir a gente, ela não precisava nem de falar, nem bater, nem nada. Só dela olhar, morder os lábios a gente já sabia tudo o que ela queria. ..(Mulher Artura, 61 anos)

“Vó Carmela, como nós a chamávamos, dava muitos bons conselhos, sabia conversar com a gente, não gostava de bater não e nem deixava ninguém bater, ela conversava e às vezes as palavras dela doíam mais que uma surra, dava muito exemplo, inventava uma estória para educar a gente. Era alegre e muito carinhosa. (Mulher Artura,, 43 anos)”.

“As lembranças que tenho de minha avó são muitas: ela era muito guerreira, do lar, muito dedicada, orientava a gente, educava a gente... contava do passado: no meu tempo a gente fazia assim, falava como é que plantava, como é que colhia, falava da festa do congado, um mês antes da festa já começavam os preparativos, como era no passado o congado, sempre no horário do almoço, ela picando a couvinha dela sentada e a gente conversando com ela na cozinha, muito guerreira minha avó, eu gostava muito de ficar conversando com ela (Mulher Artura, 42 anos)”.

As jovens Arturas possuem lembranças mediadas pelas gerações mais antigas, mas muito poucas:

“Eu ouvi falar que minha bisavó sabia dar carinho, mas era muito rígida, gostava de tudo certinho, tudo muito correto, era também brincalhona (Jovem Artura, 23 anos)”.

“Que eu me lembre assim, que eu ouvi falar é que ela era muito parecida com minha avó Tetane. Que eu me lembre é só (Jovem Artura, 26 anos)”.

“Minha avó comentava: “Ai minha mãe não gostava disso, daquilo, mais assim”. Fato marcante assim eu não lembro não (Jovem Artura, 23 anos).



Há algo que é comum nas lembranças, que povoa o imaginário e foi construído entre todas as pessoas da comunidade sobre Carmelinda, revelando a força da memória coletiva.

No entanto, é importante pensar também no silêncio, porque não se sabe muito sobre a avó e bisavó, e também porque não se fala muito de Carmelinda Maria, já que o pai, o avô, bisavô Arthur Camilo é sempre lembrado e mencionado nas conversas por toda comunidade.

É possível perceber que há algumas razões para que isto ocorra, em diferentes aspectos.

Primeiro por ser uma comunidade que faz parte de uma sociedade patriarcal, comandada por homens, desde os presidentes da comunidade e em todas as decisões políticas, mas, no entanto, o poder simbólico pertence a uma mulher.

Há uma dualidade vivida entre os homens, com seus poderes políticos frente à irmandade e comunidade e o poder simbólico pertencer a uma mulher. Há dois anos atrás eram duas filhas de Carmelinda, Izaíra Maria (falecida) e Maria do Rosário, que não se casaram e ficaram no lugar dos pais, tomando conta da casa paterna e interferindo em todas as decisões da comunidade. Até os dias de hoje, embora Maria do Rosário esteja doente, acamada, ela ainda é lembrada simbolicamente na comunidade sendo respeitada por todos, como uma matriarca, contudo não tem mais o poder das decisões e de interferir em tudo o que acontece na comunidade como a dois anos passados.

De acordo com as Arturas, as duas irmãs, Maria do Rosário e Izaíra Maria, propiciaram que as mulheres tivessem mais espaço e força dentro da comunidade, podendo participar com mais autonomia das decisões e de tudo o que acontecia. E essa força veio também da mãe Carmelinda que viveu por cerca de 20 anos depois que o marido Arthur Camilo faleceu, e ficou em seu lugar juntamente com as duas filhas liderando a comunidade. Como afirmaram duas Arturas:

“Sem dúvida a força que Carmelinda deu juntamente com as duas filhas para as mulheres em geral da comunidade foi enorme
(Mulher Artura, 44 anos)”.



“Com certeza, ajudou bem, influenciou bem nessa questão, muito sim, o pessoal dar mais ouvido às mulheres, com certeza (Jovem Artura, 26 anos)”.

Outra questão é a invisibilidade da mulher na sociedade ocidental, ou seja, a lembrança que se tem de Carmelinda está muito associada aos espaços da casa, da cozinha, dos conselhos, mas que se referem ao mundo privado e não ao espaço público. Embora haja em todas as falas o reconhecimento desta mulher na lavoura, na plantação, colhendo na roça ao lado dos homens, no entanto ainda estão atrás e não ao lado desses homens, compartilhando em igualdade de espaços de poder e reconhecimento.

Michelle Perrot (1998) considera que no mundo ocidental houve uma divisão entre o público e o privado, este último coube às mulheres. Há, portanto, toda uma construção sociocultural da mulher no mundo ocidental, reservando a mulher o espaço da casa, o seu interior, o espaço privado, representa dessa forma, a permanência e a continuidade, enquanto que os homens ficam com as decisões políticas e com o espaço público.

Seguindo este contexto, ainda há as mudanças trazidas nas memórias das outras gerações, mais jovens que pertencem a outro tempo, em que não se há mais tanta conversa, contar histórias ao pé do fogão de lenha, o tempo de se ouvir as pessoas mais velhas, devido à urbanidade, a modernidade, as novas tecnologias e contatos com a metrópole, tomando parte deste tempo modificando-o em diferentes aspectos.

No entanto, segundo Halbwachs:

...conforme a idade e também as circunstâncias, ficamos admirados sobretudo das diferenças ou das semelhanças entre as gerações que ora se fecham sobre si mesmas e se afastam uma da outra, ora se juntam e se confundem (2006, p.75).

Neste sentido, as mulheres jovens e as mais velhas vão se aproximar em seu pensamento com relação de que há uma perda de respeito aos mais velhos, e a continuidade das tradições.

“Havia um respeito muito grande pelos pais antigamente, não era preciso nem falar, diferente de hoje, em que muitos filhos não respeitam os pais. Nós sempre aprendemos a respeitar os mais velhos e nossos pais, papai e mamãe não sabiam leitura nenhuma, mas nos criaram com aquela educação



(Mulher Artura, 92 anos)”.

“Nós tínhamos muito respeito por eles, diferente dos dias de hoje que os filhos, netos, já não têm aquele respeito. Depois que os dois morreram vovô e vovó, muita coisa mudou. Hoje um passa na porta do outro sem pedir nem nada, não fala...Os tios a gente respeitava todo mundo, eles podiam bater, mas na época ninguém apanhava, pois a gente tinha a maior educação, mas podiam bater, mas nem precisava...A saudade da gente é essa, a gente não tinha luxo , não tinha nada, mas... tem gente que dá benção para nós, mas o jovem de hoje não faz isso mais, fica até morrendo de raiva...a saudade que a gente tem é essa, é respeito mesmo (Mulher Artura, 61 anos)”.

“Ah igual todo mundo falava, Tia Juventina mesmo, que ela era minha madrinha a gente conversava muito, ela contava as coisas do meu avô e da minha avó, falava, que ela era muito rígida com eles, pegava firme com eles, igual eles falavam pra gente, se a criação de hoje fosse a mesma de antigamente, não estaria como está hoje , era outra criação, diferente do que está hoje. Eles sempre comentavam isso com a gente (Jovem Artura, 26 anos)”.

A comunidade passa por um momento em que os jovens estão modificando sua relação com as pessoas mais velhas e com o passado. Algumas jovens dizem que é preciso buscar o passado, apreender com os mais velhos, que hoje a juventude da comunidade já não mais se interessa pelas tradições e não se envolve com elas. Para os mais velhos, há falta de respeito e desinteresse dos jovens. Os jovens, por sua vez, dizem querer ter mais espaço, ou seja, serem mais ouvidos em suas idéias e opiniões, principalmente, com relação ao Congado. De acordo com as mulheres jovens:

“Os jovens estão muito desinteressados da comunidade. Eu estou muito triste, eu acho que daqui uns anos o congado vai acabar. Na minha geração era diferente, todo mundo participava, tinha mais interesse (Jovem Artura, 30 anos)”.

“Muita gente deixou de dançar, só tá diminuindo, só diminuindo. Eu acho que muitas vezes eles não procuram saber a opinião da gente, igual eu sou Arturos, eu sou bisneta, acho assim que pela comunidade, deveria ter reuniões, saber a opinião da comunidade que não tem, dos jovens também, isso influencia muito nas pessoas estarem largando o congado... os jovens



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

têm vontade de se candidatar, a gente mesmo os jovens, o sangue mesmo, os jovens sabe, só que as pessoas que estão aí há vários anos não dão oportunidade (Jovem Artura, 28 anos)”.

“Os jovens não querem saber de mais nada, os mais velhos têm que lutar para a tradição não acabar (Jovem Artura, 22 anos)”.

As jovens falam das preocupações com a tradição e com sua descontinuidade e também falam de um tempo em que havia mais leveza, mais tempo para as conversas e brincadeiras, mais união.

“Na minha época era muito melhor, jogava pique bandeira na rua, queimada, a gente soltava papagaio, hoje não vejo assim aqui na comunidade (Jovem Artura, 26 anos)”.

“Ah a união, a união, antigamente eu vou te falar era um vivendo pro outro, hoje em dia não é... hoje em dia é um contra o outro, tem aquela competição...hoje em dia tem isso, antigamente não tinha. Pelas coisas que eles contam não tinha isso antigamente, os irmãos eram todos unidos,era todo mundo se dando bem com todo mundo, hoje em dia não é , infelizmente não é (Jovem Artura, 25 anos)”.

É interessante pensarmos nessas falas, de mulheres jovens, mas que sentem já muita diferença de alguns anos atrás, cerca de uma geração, já modifica o olhar, a percepção da vida. As mudanças de comportamento, os valores, as visões de mundo, revela-se como uma dimensão importante para a compreensão e reprodução da vida social. Para Guita Debert (1999) as categorias e os grupos de idade são elementos privilegiados para dar conta da plasticidade cultural e também das transformações históricas.

Atualmente com a proximidade da cidade, dos valores urbanos, de outro tempo instaurado dentro da vida dos jovens Arturos, modificaram-se as relações, ritmo da vida, o estar no mundo, as experiências são sentidas de outra forma, trazendo os elementos da urbanidade, intercalando com os saberes tradicionais, dos ancestrais, dos ensinamentos dos antigos, da presença forte da oralidade na cultura africana e afro-brasileira.

Há mudanças entre as gerações, os mais velhos da comunidade vivenciam um outro tempo, sem a televisão e a inserção de novas tecnologias, “um tempo marcado pelo sol”, como antigamente, pela lavoura, pela roça, onde se almoça 11 da manhã, se



janta 5 horas da tarde e se dorme as 7 horas da noite. Um tempo de mais conversa, de contar histórias, dos afazeres ligados a terra, ao cuidado dos animais, como gado, porcos, cavalos. Diferente das outras gerações que trabalham fora da comunidade para sobreviverem e sustentarem suas famílias, em sua maioria saindo de madrugada e retornando ao final da tarde. Os jovens vão seguindo o tempo marcado pelos programas de televisão, pelos celulares, alguns estudando a noite, outros trabalhando, num ritmo bem diferente do que no passado. As jovens saindo com as amigas, para o pagode no meio da semana na cidade de Belo Horizonte, ou conversando e namorando no ‘trailer barzinho’ que tem próximo da comunidade até cerca de meia noite, vivências e experiências que demarcam outras práticas sociais, mudanças de valores, costumes e comportamentos. Atrelado a isso vem os casamentos que continuam sendo em sua maioria bem cedo, entre 17 a 22 anos, há um aumento de gravidez na adolescência também, diferente de antigamente que se casavam cedo, mas, engravidavam após o casamento. Todas essas transformações revelam mudanças na vida da comunidade e das jovens Arturas com as influências da metrópole e da modernidade marcando outras trajetórias de vida.

De acordo com Bosi:

... nossos ritmos temporais foram subjugados pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo, “racionalizando” as horas de vida. É o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religioso... a memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil (Bosi, 2004, p.53).

Neste contexto, há a possibilidade de se pensar esta transição do rural com o urbano enfrentado pelos Arturos, esses diferentes “tempos” vivenciados pelas jovens, assim como pelas pessoas mais velhas da comunidade, marcados também pelas saudades de um outro tempo, mais tranquilo, menos violento em que o individualismo era substituído pela solidariedade e união entre as pessoas da comunidade.

A memória recria um tempo vivido pelo indivíduo, trazendo imagens do passado que se misturam com o presente, seguindo um fluxo entre presente, que volta ao passado e retorna para o presente de acordo com as experiências de cada pessoa e



também do grupo da qual ela faz parte e a classe social que ocupa, modificando as memórias, as experiências o modo de ser e estar no mundo.

Neste movimento, vem também as memórias subterrâneas, silenciadas que são compartilhadas pelo grupo, pelas mulheres negras Arturas, mas que fazem parte de toda população negra brasileira, com relação ao racismo, preconceitos e discriminações.

Ainda hoje as desigualdades permanecem, não apenas pelos resíduos da abolição da escravidão, mas também pela opressão e inferioridade em que foi colocada a população negra brasileira, passando por uma “seleção social”¹ que até hoje vigora na nossa sociedade. Esta situação se reflete nas desigualdades no mercado de trabalho em que ainda há um desnível de salário, entre brancos e negros, diferenças em anos de estudo na educação, em taxas de desemprego, acesso a saúde, violência policial, pobreza, analfabetismo, enfim as desigualdades são imensas e perpassam a questão econômica como muitas pesquisas e censos apontam e comprovam², revelando que a sociedade brasileira é racista e excludente.

Neste cenário, as mulheres negras são as que mais estão abaixo com relação aos salários, com os tipos de trabalho, com maiores taxas de mortalidade materna, devido ao acesso a saúde e condições de vida precárias, entre outras desigualdades sociais. As mulheres negras sofrem a mais pesada carga de discriminação, vivendo uma situação de dupla diferenciação: de gênero e raça/etnia. No entanto, sempre houve muita resistência desde o tempo da escravidão, como afirma Nilma Gomes:

A trajetória das mulheres negras, desde quando elas foram trazidas como escravas para o Brasil foi de luta e resistência. A mulher negra, apesar de desagregada de sua família e tendo que trabalhar na roça, na casa-grande, amamentando crianças brancas enquanto lhe era negada a própria maternidade, e considerada objeto de prazer para satisfazer aos desejos dos senhores, conseguiu estabelecer-se com dignidade no espaço público, ao lado dos homens, superando-os não raro em vários aspectos (1995, p.115-116).

No mercado de trabalho as Arturas enfrentam situações de continuidade de um tempo passado, pois em sua maioria não conseguem ascender socialmente e modificar de profissão, sendo domésticas, babás, auxiliar de serviços gerais, mesmo tendo

¹ Termo utilizado por Clóvis Moura in: CAVALLEIRO, 2000, p.28.

² Dados estatísticos do IPEA, DIEESE, IBGE.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

concluído o ensino médio ou terem feito um curso técnico. Neste contexto, a falta de emprego e o racismo são para elas um dos maiores problemas enfrentados pela necessidade de buscar subsistência fora da comunidade. Problema vivenciado pela maioria das mulheres negras do Brasil. Algumas delas se pronunciaram a este respeito:

“A gente vai procurar emprego a primeira coisa que eles olham é se estamos buscando vaga para faxineira, ou auxiliar de serviços gerais, nunca é para uma secretária, ou outro cargo melhor (Jovem Artura, 30 anos)”.

“Acho que ainda tem muito racismo, preconceito, eu acho que não vai acabar nunca...é muito difícil ainda a gente estar conquistando nosso espaço, essa coisa de igualdade. Já sofri racismo sim, voltei a estudar depois de ter criado meus filhos, fui fazer um curso técnico, e no primeiro trabalho em grupo que teve, me juntei com a Luciana aqui dos Arturos e outra colega negra e ninguém mais quis entrar no nosso grupo...isto doeu demais (Mulher Artura, 40 anos)”.

Nesse contexto, há todo o enfrentamento das mulheres Arturas na sociedade, no mercado de trabalho, os espaços profissionais que essas mulheres alcançam, revelando relações de desigualdade, racismo, exclusão de oportunidades, reafirmando a discriminação sofrida pelas mulheres negras em nossa sociedade.

Nestas narrativas, é importante ressaltar que as lembranças trazem a memória do “não dito” de sentimentos silenciados, sofrimentos, luta e resistência.

Segundo Pollak:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial (1989, p.4).

Neste sentido, se faz importante buscar estas memórias, tão silenciadas e excluídas da sociedade e da história, dando possibilidade de outras vozes serem ouvidas.

O que pretendemos com este breve trabalho foi a partir das narrativas sobre Carmelinda Maria da Silva conhecermos alguns aspectos da trajetória das mulheres Arturas, e o que do tempo passado se modificou e o que se mantém ainda nos dias de



hoje. A possibilidade vinda através da memória de refletir no presente olhando para o passado e voltando para o presente, seguindo para o futuro, recriando e rememorando o que é, o que foi e o que será com o olhar de hoje. Mulheres mais velhas e mais jovens da comunidade dos Arturos, as diferentes gerações, o que permanece e o que se transforma.

Bibliografia:

- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**, IN: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. 1ª ed. São Paulo: EDUC, Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- , **Memória em Branco e Negro: Olhares sobre São Paulo**. 2ª ed. São Paulo: EDUC, Editora UNESP, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velho**. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 1987.
- **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. 2ª ed.. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo, Contexto: 2000.
- CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. Oeiras: Celta editora, 1993.
- DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Edusp-Fapesp, 1999.
- GOMES, Nilma L. **A mulher negra que vi de perto**. 1ª ed. Belo Horizonte: Mazza, 1995.
- GOMES, Núbia Pereira de M. & PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras: os Arturos**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- O'DWYER, Eliane C. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**, São Paulo, Editora UNESP, 1998.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol.2, n.3, 1989.
- , **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol.5, p.200-212, 1992.
- RATTS, Alecsandro J. P. (RE) **Conhecer Quilombos no Território Brasileiro**. IN: FONSECA, Maria N. S.(org) **Brasil Afro-Brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SILVA, Djalma Antônio da. **O Passeio dos Quilombolas e a Formação do Quilombo Urbano**. São Paulo: PUC/SP, Tese de doutorado em Ciências Sociais, 2005.
- VANSINA, Jan. **La tradición oral**. Barcelona: nueva colección labor, 1967.
- VIEIRA, Camila C. **No Giro do Rosário: Dança e Memória Corporal na Comunidade dos Arturos**, São Paulo: FFLCH-USP, Dissertação de Mestrado, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina